

cão da saúde no Brasil

UnB debate situa

O representante do ministério da Previdência, Luiz Paranhos Veloso, ao discorrer sobre «O Desenvolvimento Social», disse que «não basta cuidar-se do desenvolvimento econômico, é preciso prioridade para o problema social», e acentuou que «nenhum programa governamental poderá ser alcançado se os planejamentos econômicos e sociais não forem adequados».

Sobre a distribuição de renda, disse que seu desequilíbrio é uma das características do subdesenvolvimento, e pregou a redução da pobreza absoluta afirmando, porém que «essa desigualdade não é privativa do Brasil ou dos países do terceiro mundo, pois um exemplo desse problema é a Itália».

O médico José Carlos Seixas, do Ministério da Saúde, ao falar do «Setor Saúde», disse esperar que ele «se recupere antes de chegar ao caos, pois o que vi nos últimos dez anos foi uma dilapidação total dos recursos tanto humanos como financeiros alocados». Afirmou também que «os investimentos em saúde descem quase em sentido perpendicular», mas ressaltou que «no campo da assistência médica curativa, nos últimos anos, os contingentes populacionais que passaram a ter direito à saúde foram bastante significativos».

As atividades de hoje, a partir das 9 horas, serão as seguintes: sob a presidência do professor Carlos da Silva Facaz, da USP, vão ser expostos os temas «A situação atual dos serviços de saúde», pelo professor Walter Lezer, Secretário de Saúde de São Paulo; «O sistema atual», pelo professor Jayme Treiger, do MPAS; «O Sistema Nacional de Saúde e sua implantação», pelo professor Fernando Vasconcellos Theopilo, do MPAS. A tarde, na sessão presidida pelo professor Carlos Henrique Cardim, constam as seguintes conferências: «Economia e Saúde», pelo professor Solon Magalhães Viana, do IPEA; «Indústria e o setor de saúde», pelo professor Esio Cordeiro; e «Alimentação, nutrição e saúde», pelo presidente do INAN, Bertholdo Kruse.

Amanhã pela manhã, os trabalhos serão presididos pelo professor Adalberto Correia Café, com tema central «áreas básicas para o setor de Saúde», visto pelos conferencistas José Rodrigues Coura, da UFRJ, («Educação e Habitação»); Daphinis Ferreira Souto, da Petrobras («Ambiente de trabalho e saúde»); e Albert Klumb, do Minter («Saneamento básico»). A tarde, a sessão, presidida pelo professor Zafro Eira Garcia Vieira, constará das seguintes exposições: «Um Modelo de saúde para o Brasil», pelo professor Aluizio Rosa Prata; «Serviços básicos de saúde», pelo médico Sérgio Franco, do Ministério da Saúde; «Serviços Especializados de Saúde», pelo médico Nilo Aguiar, do Inamps; e «Recursos para a saúde», pelo professor Carlos Marcílio de Souza, do MEC.

Ao conferenciar ontem na abertura do encontro «Saúde no Brasil», promovido pela Universidade de Brasília, o professor Paulo de Góes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, disse que «quando não tínhamos sofrido o fluxo das migrações portuguesas e africanas, as condições de saúde no Brasil eram magníficas. Depois é que conhecemos as doenças importadas».

Paulo de Góes, citou as três primeiras obras publicadas no Brasil sobre as doenças locais originadas na imigração: «Tratado Único dos Sarampos e Bexigas», de Romão Mosia; «Tratado da Constituição Pestilencial de Pernambuco», de Ferreyra da Rosa; e «Notícias sobre o que é o Achaque do Bicho», de Miguel Dias, e observou que esta foi a determinante do desenvolvimento de nossa patologia, que «mais tarde tornou-se um atrativo para os estrangeiros, determinando, inclusive, que três europeus aqui viessem em 1950, para fundar a Escola Tropicalista Baiana».

Segundo o professor, só em 1808 é que se implantou a educação médica no Brasil, e apenas em 1889 é que foi fundado o primeiro Instituto de Higiene, onde se formou Osvaldo Cruz. Lamentando os limites do tempo da sua palestra — «Política Científica e Pesquisa na Área da Saúde» — Paulo de Góes revelou ainda outros tópicos com o da medicina nos países socialistas, «onde predomina o dirigismo científico, sendo o controle governamental uma imposição». Afirmou que a comunidade científica brasileira, depois da Segunda Guerra Mundial, tem tido um atuação muito significativa e observou que suas ações se fazem sentir principalmente através da Academia Brasileira de Ciências.

Ao salientar que «toda pesquisa que se realiza no Brasil é financiada pelo governo», louvou a reforma universitária que «teve um papel muito grande no desenvolvimento da pesquisa biomédica». Ao citar os investimentos governamentais nessa área, disse que «os norte-americanos, por mais interesse que tenham na doença de chagas, jamais investirão nesta pesquisa no Brasil».

Segundo Paulo de Góes, «em 1964 gastava-se Cr\$ 163.352.468,6 com pesquisas biológicas no Brasil, mas a partir de 1968 passou a haver um declínio no volume de investimentos no setor saúde propriamente dito. Só o orçamento da FINEP é de mais ou menos Cr\$ 4 bilhões anuais, no entanto apenas cinco por cento são alocados no setor biomédico — ela que sempre teve a primazia no País». Disse que a pesquisa tecnológica custa cem vezes mais que a biomédica, daí que esta se tem mantido apenas num crescimento vegetativo.

O professor lamentou também a presença Brasil na literatura mundial, «extremamente insignificante. Ciência é uma mercadoria de circulação e consumo internacional. Porém parece-me que o fato de a língua portuguesa ser uma língua pouco usada é o que provoca a colocação do Brasil no 3º lugar do quadro da literatura científica mundial».